

Cristina do Carmo Cupertino Souza-1

Rosilene Pereira Nunes-2

Maria Veranilda Soares Mota-3

1-Universidade Federal de Viçosa

2-Universidade Federal de Viçosa

3-Universidade Federal de Viçosa

O PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) é um projeto de extensão da Universidade Federal de Viçosa, que tem como intuito a valorização da docência, juntamente com um apoio as escolas Públicas. Comecei no PIBID de Pedagogia em agosto de 2010, na escola Municipal Pedro Gomide Filho, no Bairro Santa Clara, Viçosa MG, numa turma com 11 crianças de faixa etária de 9 à 12 anos, que estavam no programa chamado “Se Liga” e em 2011 no “Acelera Brasil”. Criado em 1997, o Acelera Brasil é um programa emergencial, do Instituto Ayrton Senna, de correção de fluxo do Ensino Fundamental. Ele combate a repetência que gera a distorção entre a idade e a série que o aluno frequenta e também o abandono escolar. Contribuí para que o aluno, em um ano, alcance o nível de conhecimento esperado para a primeira fase do Ensino Fundamental, de maneira que possa avançar em sua escolaridade. Acompanhei esta turma no ano 2011, mais especificamente 3 alunos, que foram os meus casos particulares de estudo, esses alunos tem entre 10 e 11 anos, sendo que, foram alfabetizados no ano de 2010 no programa “Se Liga”, como já foi citado. Como se vê nas escolas, essas crianças por não se adequarem ao sistema escolar, sistema este que muitas vezes está fora da realidade dessas crianças, faz com que elas acabam sendo excluídas, pois, não conseguem acompanhar o ensino convencional dentro de sala de aula juntamente com os demais colegas. Isso acaba acarretando diversos fatores, entre eles, dificuldades de aprendizagens. De acordo com FERNANDA (2009), As crianças com dificuldades de aprendizagem não são crianças incapazes, apenas apresentam alguma dificuldade para aprender. São crianças que têm um nível de inteligência bom, não apresentam problemas de visão ou audição, são emocionalmente bem organizadas, mas fracassam na escola. Raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas

cognitivas, atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando que haja algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional (conversa muito, é lento, não faz a lição de casa, não tem assimilação, entre outros), desestruturação familiar, sem considerar as condições de aprendizagem que a escola oferece a este aluno e os outros fatores intraescolares que favorecem a não aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem na escola podem ser consideradas uma das causas que podem conduzir o aluno ao fracasso escolar. Para FERNANDA (2009) a leitura e a escrita são processos muito complexos e as dificuldades podem ocorrer de maneiras diversas. Além disso, temos a aquisição da leitura e escrita como fator fundamental e favorecedor dos conhecimentos futuros; é uma ferramenta essencial, onde serão alicerçadas as demais aquisições. É o apoio para as relações interpessoais, para a comunicação e leitura de seu mundo interno e externo. Uma criança que não tenha solidificado realmente sua alfabetização poderá tornar-se frustrada diante da educação formal, terá deficitário todo seu processo evolutivo de aprendizagem, apresentará baixo rendimento escolar e pouco a pouco sua autoestima estará minada, podendo manifestar ações reativas de comportamento antissocial, bem como levá-la ao desinteresse e, muitas vezes, até à evasão escolar. A função primordial da escola seria, para grande parte dos educadores, propiciarem aos alunos caminhos para que eles aprendam, de forma consciente, os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Ao trabalhar com a matemática e o português nas séries iniciais do ensino fundamental, percebo o quanto as crianças sofrem certa cobrança para aprenderem a ler, escrever e a resolver as quatro operações da matemática. Na sala de aula deparei-me com situações que realmente me fazem pensar uma nova prática escolar, já que não adiantava apenas levar contas de multiplicação e

divisão, livros e mais livros para os alunos lerem, pois não resolveriam de nada para a motivação dessas crianças, elas não tinham empolgação nem autoestima para executar essas atividades que eu levava para trabalhar, sempre reclamavam quando eu aparecia com uma atividade ou outra. As dificuldades maiores dos alunos está em relação a leitura, escrita e na matemática, esses conteúdos, como já sabemos, são primordiais para o desenvolvimento na trajetória escolar. Por isso, percebi que para desenvolver o gosto e a curiosidade desses alunos em apreender, seria necessário repensar uma prática que fosse diferente da que eles estavam habituados em sala, procurando planejar as atividades de forma mais significativa. Por isso, a partir dessas inquietações percebidas dentro da sala de aula, nós do PIBID buscamos como princípio, trabalhar com metodologias diferenciadas que se adequem com as dificuldades dessas crianças, ajudando-as a desenvolverem sua aprendizagem através de outras fontes e caminhos. Propondo trabalhar atividades mais lúdicas, como por exemplo: recreação, jogos, práticas de leitura e escrita coletiva, oficinas de atividade individualmente e outras atividades que possam ajudar a desenvolver e despertar o interesse dos alunos. Para ALVES (2001), é necessário que a criança conviva em um ambiente rico de materiais e oportunidades, de modo que possa construir e elaborar seus conhecimentos. Sugere ainda, que levamos em conta as etapas do desenvolvimento quando formos planejar o ensino, de modo particular o ensino da matemática, se quisermos evitar fechar as portas dessa ciência para grande parte das pessoas. Através do jogo a criança aprende sem perceber e sem ter uma cobrança que a faça perder a vontade de estar aprendendo. ALVES (2001), ainda diz que: o jogo tem a finalidade de desenvolver habilidades de resolução problemas, em que o aluno, por meio dele, estabelece planos para alcançar seus objetivos, age nessa busca e avalia os resultados. Logo, o jogo possibilita aproximação do sujeito ao conteúdo científico, por intermédio da linguagem, informações, significados culturais, compreensão de regras, imitação, bem como pela ludicidade inerente ao próprio jogo, assegurando assim a construção de conhecimentos mais elaborados. Numa aula em que confeccionamos um jogo de dominó, trabalhei em sala com a multiplicação e divisão contando com a participação de todos os alunos, o trabalho foi realizado em grupos, os quais os alunos os escolheram. A partir desse jogo percebi o quanto os alunos demonstraram mais interesse e curiosidade pela aula, todos queriam participar. Trabalhei com eles também durante o semestre, oficinas de dobradura, as quais confeccionaram

animais, com o propósito de em seguida utilizá-los para contar uma história em que eles inventavam oralmente em sala de aula. Utilizamos jogos de formar palavras, que a escola disponibilizou. No final da brincadeira formaríamos frases com as palavras dos jogos, e em seguida os alunos iriam criar um texto, com um tema escolhido por eles, a partir das frases criadas. Confeccionamos para trabalhar leitura, escrita e gênero textual, algumas revistas em quadrinhos, as quais os alunos escreveram e ilustraram as histórias. Sempre que levava uma atividade diferenciada para sala, seja para trabalhar a leitura e a escrita ou a multiplicação, adição e a divisão, os alunos participam com muito mais interesse, pois aprendem sem estar assentados numa cadeira de frente para um quadro e, sim de uma forma mais lúdica. Contudo, percebemos que estes alunos alcançaram, a partir do trabalho em sala de aula, uma melhoria nos conteúdos de matemática e de leitura, eles despertaram interesse em participar das aulas e criaram uma segurança maior na hora de realizar as atividades em grupo, coisa que eles tinham muita dificuldade, pelo fato de acharem que não sabiam nada de português e de matemática. Depois de ter trabalhado com outra forma de ensinar, percebo que o PIBID possibilitou caminhos que auxiliem tanto na aprendizagem dos alunos aos quais já trabalhamos, quanto na nossa formação como futuros profissionais que repensamos a nossa prática.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Eva Maria Siqueira. A ludicidade e o ensino de matemática: uma prática possível. SP: Papyrus, 2001. Disponível em <http://books.google.com.br/books/about/LUDICIDADE_E_O_ENSINO_DE_MATEMATICA_A.html?id=LwWgxeyPdJQC&redir_esc=y> Acesso em: 20 ago. 2012
- FERNANDA, N. A. & Cols. Dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental. REVISTA BRASILEIRA CIENTÍFICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA- Edição Especial – OUT 2009 | ISSN 1982-6109. Disponível em <[http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path\[\]=139&path\[\]=82](http://revistapaideia.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=article&op=viewFile&path[]=139&path[]=82)> Acesso em: 20 ago. 2012.